CARTA DO EDITOR

Indústria da inovação desponta em uma nova economia do RS

Guilherme Kolling, editor-chefe

Nos últimos quatro anos, o Jornal do Comércio percorreu o Rio Grande do Sul e ouviu mais de 2 mil lideranças regionais em 20 eventos para discutir desafios e oportunidades ao desenvolvimento do Estado.

Para além do conhecimento de quem vive nas regiões, buscamos dados do poder público e levantamentos de entidades privadas para cruzar informações e estabelecer parâmetros na definição de indicadores da economia gaúcha.

Do ponto de vista de potencialidades, foram mapeadas 100 grandes oportunidades nas diversas partes do solo gaúcho.

Esse foi um dos resultados do projeto Mapa Econômico do RS, diagnóstico produzido pelo Jornal do Comércio nos últimos quatro anos (2023-2026).

Ente as cadeias produtivas consolidadas, que, com projetos tradicionais ou desdobramentos, abrem novas fronteiras de crescimento, o agronegócio mais uma vez confirmou sua força para a economia gaúcha, com novas iniciativas como a industrialização de grãos e a produção de biocombustíveis.

Somando a agropecuária a atividades industriais e de serviços ligados ao agro, esse setor tem papel decisivo, representando uma importante parcela do Produto Interno Bruto (PIB) gaúcho todos os anos.

Nesse cenário, é fundamental também identificar novas tendências da economia gaúcha, com projetos consolidados e de impacto. E o ecossistema da inovação tem, sem dúvidas, um papel de destaque nos **caminhos da nova economia gaúcha**. Esse é o tema deste novo caderno especial do Jornal do Comércio.

Em um cenário de transformação das atividades produtivas, o Estado reúne universidades, centros de pesquisa, empresas e grandes grupos internacionais que ajudam a construir novas oportunidades de negócios, atraindo investimentos e qualificando a economia. Parques tecnológicos tiveram um papel fundamental para consolidar esse ambiente nas últimas duas décadas.

> Setor tecnológico do Rio Grande do Sul abre um novo capítulo, acelerando investimentos na indústria da inovação

Agora, o setor tecnológico gaúcho abre um novo capítulo, acelerando investimentos na indústria da inovação, com a fabricação de chips e semicondutores, além de aportes na infraestrutura digital, através de diversos projetos de data centers na Região Metropolitana de Porto Alegre. Tudo isso somado a iniciativas já existentes na indústria eletroeletrônica no Estado.

Neste especial, o JC apresenta um panorama dos ambientes que impulsionam essa transformação, ouvindo também lideranças de destaque nesse ambiente. Mais do que identificar iniciativas, empresas e investimentos, este especial retrata a consolidação de um novo polo econômico, que pode ser decisivo para o Rio Grande do Sul ocupar um espaço ainda mais relevante na nova economia.

EXPEDIENTE

Caminhos da Nova Economia do RS

● **Editor-chefe**: Guilherme Kolling ● **Editores-executivos:** Fernanda Crancio e Mauro Belo Schneider ● **Editora de cadernos especiais:** Rosângela Monteiro ● **Reportagem:** Ana Esteves, Loraine Luz e Cássio Fonseca ● **Colunista:** Patricia Knebel ● **Diagramação:** Gustavo Van Ondheusden, Ingrid Müller e Juliana Batista

PARQUES TECNOLÓGICOS

Impulso aos negócios de inovação no Estado

Com 23 parques tecnológicos, 22 centros de inovação e mais de 1,2 mil startups, Estado aposta na conexão entre universidades e empresas

Ana Esteves, especial para o JC

Os parques tecnológicos são a principal infraestrutura que o Rio Grande do Sul tem para transformar conhecimento em economia. São o ponto onde a pesquisa das universidades encontra empresas e vira produto, serviço e emprego. O Estado tem 23 parques tecnológicos, 22 centros de inovação, 53 incubadoras e cerca de 1.200 startups, dentro de um ecossistema com 258 instituições de ciência, tecnologia e inovação. Só em 2025, o Estado investiu cerca de R$ 360 milhões em inovação. O impacto é concreto: nos ambientes de inovação gaúchos, há mais de 1.300 empresas residentes e em torno de 1.175 graduadas, que sustentam mais de 15 mil empregos qualificados, em setores como software, indústria inovadora, agronegócio inteligente e saúde e biotecnologia, num dos ecossistemas mais densos e capilarizados do País, conforme dados do Observatório da Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict) e do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (Mcti).

A contribuição vem em três frentes: inovação, que encurta o caminho entre o laboratório e o mercado; competitividade, que aproxima empresas de talentos, laboratórios e de outras empresas; e geração de empregos qualificados, que segura o jovem no Estado. "No Brasil, empresas vinculadas a parques faturaram R$ 15,1 bilhões em 2023 e geraram 86 mil empregos. É um dos investimentos de maior retorno que uma economia pode fazer", afirma o presidente da Rede Gaúcha de Ambientes de Inovação (Reginp) e professor da Universidade Franciscana (UFN), Lissandro Dalla Nora.

Com base nos dados nacionais do Mcti, a movimentação econômica do ecossistema gaúcho é estimada em torno de R$ 9,2 bilhões, com cerca de R$ 606 milhões em arrecadação para o Estado. O RS responde por aproximadamente 17% dos empregos gerados pelos ambientes de inovação de todo o Brasil. "O impacto da inovação no RS não é experimental, é econômico, territorial e estratégico", afirma.

A secretária-adjunta de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Mariela Portz, afirma que não existe uma estratégia consistente de desenvolvimento econômico que não coloque a ciência, a tecnologia e a inovação no centro das suas prioridades. "Quando falamos de competitividade, produtividade, geração de empregos, saúde, agronegócio, indústria ou sustentabilidade, estamos necessariamente falando de conhecimento, pesquisa e inovação", defende.

O Rio Grande do Sul tem um patrimônio de universidades, pesquisadores, parques tecnológicos e empresas inovadoras. O desafio, segundo Mariela, é transformar cada vez mais essa capacidade científica em desenvolvimento econômico e social: "É nesse ponto que os ambientes de inovação se tornam estratégicos. Eles são os espaços nos quais o conhecimento encontra os desafios reais da sociedade e do setor produtivo".

Conforme a secretária, a estratégia do governo é combinar financiamento, articulação regional e conexão com o mercado para que centros de inovação, parques tecnológicos e incubadoras sejam ambientes de geração de negócios, e não apenas estruturas físicas.

Por meio do Inova RS, um dos programas âncora do governo estadual, o Estado atua para aproximar universidades, empresas, governo e sociedade, respeitando as vocações econômicas de cada região por meio de agentes de inovação. Outra frente é o fomento realizado pela Sict em parceria com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (Fapergs): o edital de 2026 destinou R$ 8 milhões a projetos de todo o Estado. Esses instrumentos apoiam equipes, equipamentos e projetos voltados à transferência de tecnologia, ao amadurecimento de soluções e à criação de empreendimentos inovadores. Complementarmente, iniciativas como a Rede RS Startup, o Startup Lab e as ações de aproximação com investidores e mercados internacionais buscam conectar essa capacidade tecnológica a clientes e capital.

O presidente da Fapergs, Odir Dellagostin, afirma que uma das principais contribuições dos parques tecnológicos é promover a interação entre instituições que atuavam de forma relativamente isolada. Essa integração reúne universidades, que produzem conhecimento e formam profissionais qualificados; empresas, que conhecem as demandas do mercado e os desafios dos diferentes setores produtivos; e startups, que agregam agilidade ao desenvolvimento de soluções

Outro papel estratégico dos parques é manter os cientistas em solo gaúcho. O Rio Grande do Sul forma cerca de 1,2 mil doutores por ano e tem universidades de excelência, mas historicamente boa parte desses talentos deixava o Estado por falta de oportunidades qualificadas. Os parques ajudam a reverter esse cenário: criam, perto das universidades, empregos de alto valor que antes só existiam em São Paulo ou no exterior. "Isso segura talento, renda e famílias no território", aponta Dalla Nora.

Se o setor amadureceu, o desafio agora é ganhar escala. Primeiro, garantir acesso contínuo a recursos, pois parques e incubadoras trabalham com prazos longos e precisam de editais previsíveis e capital para as fases iniciais das startups. Segundo, ampliar a participação do setor privado. Por fim, garantir políticas públicas estáveis.